

Prefeitura Municipal de Curitiba
Secretaria Municipal da Educação
Superintendência de Gestão Educacional

SEP

SEMANA DE
ESTUDOS
PEDAGÓGICOS

2021

O acolhimento enquanto
princípio e fundamento
das relações na Educação Infantil

Educação
Infantil



PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
Rafael Greca de Macedo

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
Maria Sílvia Bacila

SUPERINTENDÊNCIA EXECUTIVA
Oséias Santos de Oliveira

DEPARTAMENTO DE LOGÍSTICA
Maria Cristina Brandalize

DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO, ESTRUTURA E INFORMAÇÕES
Adriano Mario Guzzoni

COORDENADORIA DE REGULARIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO DAS INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS
Eliana Cristina Mansano

COORDENADORIA DE OBRAS E PROJETOS
Flávia Correa de Almeida Faria Gomes

COORDENADORIA DE RECURSOS FINANCEIROS DESCENTRALIZADOS

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL
Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Kelen Patrícia Collarino

DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL
Simone Zampier da Silva

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL
Estela Endlich

DEPARTAMENTO DE INCLUSÃO E ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
Gislaine Coimbra Budel

COORDENADORIA DE EQUIDADE, FAMÍLIA E REDE DE PROTEÇÃO
Sandra Mara Piotto

COORDENADORIA DE PROJETOS
Andréa Barletta Brahim

Prezados e prezadas profissionais da Rede Municipal de Ensino (RME):

Vivemos um tempo de surpresas em todas as dimensões, em nossa vida pessoal, profissional, até mesmo, nas relações institucionais. Se algum dia pronunciamos nossas incertezas como pensamento, possibilidade, hipótese, não houve tempo em que coletivamente vivêssemos tantos sobressaltos.

A escola que conhecemos como estudantes, como profissionais, pesquisadores, fechou em 23 de março de 2020. Fomos convocados, pela sobrevivência, a usar de todos os nossos recursos intelectuais, culturais e históricos para organizar outra escola, uma escola remota que garantisse o direito à educação. Esse ano trouxe todo tipo de sentimento adverso e inesperadamente glorioso para os nossos corações. Ao mesmo tempo em que nos sentimos completamente impotentes diante do terror das covas assombrosas da morte, tivemos êxito em um modelo educacional jamais pensado para crianças.

É certo que sofremos críticas de toda ordem e foram muito bem-vindas, pois nos fizeram olhar para lugares que talvez não tivéssemos enxergado ainda. Pudemos corrigir processos com celeridade e entregar, coletivamente e criativamente, um processo educacional que mobilizou toda a comunidade educacional, mas sobretudo as famílias em sua coparticipação nas ações educacionais.

O ano de 2021 nasceu verde. Parece que este ano tem cor – cor da esperança em superarmos esse período de sofrimento, de isolamento, de perdas de pessoas queridas e em recebermos a graça da segurança sanitária para arrancarmos essas máscaras que escondem nosso sorriso e correremos para um grande abraço!

Mas ainda não é essa a escola que vamos viver e encontrar neste início de ano. Nossos protocolos estão construídos para garantir a segurança sanitária que depende de cada um de nós. Nossas unidades educacionais receberam materiais de higiene em abundância para uso neste período em que o álcool é o nosso perfume. Nossos materiais pedagógicos utilizam-se de todas as contribuições sobre as quais essa grande REDE se debruçou, em 2020, a pesquisar e compreender o que os nossos estudantes haviam aprendido e o que precisavam aprender mais nesse ano tão atípico.

Ainda não podemos nos abraçar, ainda não podemos tirar as máscaras e o álcool gel é o nosso companheiro. O distanciamento é regra de conduta entre todos nas unidades, nas ruas, na cidade. Mas nossa vontade de acolher os estudantes, as crianças, as famílias, os profissionais, cada uma e cada um de vocês, é indizível e tem cor, é verde – cheio de esperança!

As incertezas permanecem. Feliz 2021!



Maria Sílvia Bacila

Secretária Municipal da Educação



APRESENTAÇÃO

Prezados(as) profissionais da Educação Infantil:

O Caderno da Semana de Estudos Pedagógicos 2021 tem como temática “O Acolhimento enquanto princípio e fundamento das relações na Educação Infantil”, a partir da necessidade de refletirmos e trilharmos ações que apoiem as demandas decorrentes de nosso atual momento histórico.

O ano de 2020 foi um importante marco para a Educação Infantil em nossa cidade, com o lançamento do Currículo da Educação Infantil: Diálogos com a BNCC, que mobilizou nossos estudos e ações formativas. E assim, a temática da SEP deste ano foi o Currículo a partir da Base Nacional Comum Curricular na perspectiva de uma Cidade Educadora.

Em 2020, ainda vivemos o desafio inimaginável ao nos depararmos com uma pandemia, que ocasionou alterações nas relações sociais que, conseqüentemente, afetaram o contexto educacional. A partir dos efeitos de uma doença ainda desconhecida, as ações preventivas de isolamento social foram necessárias. Vivemos um período complexo, mas repleto de transformações e aprendizagens: nos reinventamos, criamos novas possibilidades, encontramos formas de estar presentes na vida de nossas crianças e familiares.

O compromisso enquanto Cidade Educadora e a compreensão de que o currículo ultrapassa os muros das instituições escolares se tornaram ainda mais vivos com a preocupação em encontrar formas de manter o vínculo com nossas crianças e comunidade, além do comprometimento com as aprendizagens e o nosso desenvolvimento profissional, bem como o desenvolvimento das crianças.

Nessa jornada, trilhamos percursos singulares compostos de diversas histórias, acontecimentos, variadas formas de organização, percepções, entre outras coisas. Diante dessa pluralidade e da continuidade de nossas ações em 2021, as discussões propõem o encontro, o acolhimento, o olhar sensível para a complexidade das relações.

Sendo assim, este caderno é pensado para apoiar o estudo e as reflexões que não se encerram neste momento, sobretudo apresenta a conexão, a escuta, a empatia, em uma perspectiva ética, na qual se abre espaço para as singularidades que se entrelaçam e constituem cada comunidade educativa.

Após a realização dessas propostas, convidamos as unidades para dar continuidade às reflexões no ambiente da Sala Google, onde irão postar uma síntese com as ações elaboradas pelos grupos.

Precisamos trazer vida para a educação.
Precisamos trazer a educação para a vida.
Para isso, precisamos de poesia na vida e na educação.
Nosso tempo é atravessado
de muitas agonias e muitos partos.
Ainda não sabemos o que há de prevalecer.
O futuro depende do que fizemos agora.

Severino Antonio



EM Wenceslau Braz

**Desejamos bom trabalho a todos e a todas!
Equipe do Departamento de Educação Infantil**

SEMANA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS (SEP) 2021

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL



Para refletir

Esse momento é feito de encontros e reencontros.

Encontros de pessoas, de ideias, de sentimentos, de opiniões.

Encontro consigo mesmo e com o outro.

De que modo é possível acolher diante da realidade que estamos vivendo?

Como podemos organizar esse momento de estudo e reflexão, tendo o acolhimento da equipe como premissa?

A temática “O Acolhimento enquanto princípio e fundamento das relações na Educação Infantil” nos provoca a pensar em como se revelam a escuta, alteridade, a empatia e o cuidado no(s) contexto(s) da Educação Infantil. Vocês já pararam para pensar sobre isso? Fica o convite para conversar e saber mais.

Um novo lugar para acolher e ser acolhido

As máscaras não tiraram nossos sorrisos, que são revelados pelo olhar neste momento, quando mudamos a forma, mas não deixamos de sorrir. Com essa metáfora de “sorrir pelos olhos”, vislumbrar e sentir o sorriso do outro pelo olhar, refletimos sobre um acolhimento que se faz presente desde o primeiro encontro percorrendo todos os momentos da nossa vida nas instituições educativas e fora dela, um acolher que não é efêmero e sim eterno, mas que precisa ser pensado por outras formas de convivência. Pensar em formas de estar com o outro demonstra que não desistimos da construção de vínculos e das relações, pois nos importamos com o próximo num momento em que assumir em nosso cotidiano novas ações e formas de conviver têm consequências na proteção à vida.

Estamos diante de “um novo começo” com um contexto diferenciado, que exige um olhar sensível para as situações adversas que todos vivem, acolhendo e dimensionando sentimentos e emoções. Se antes as crianças retornavam de um período de férias, agora retornarão após um longo período de isolamento social, com impacto na rotina, nos modos de vida, nas relações familiares e comunitárias.



EM Ana Hella

Acolher juntos...

As ações de acolhimento se estendem a todos os envolvidos no cotidiano da instituição educativa, compreendendo que o momento exige mudança de postura para acolher o outro. Dessa forma, como iremos proporcionar experiências de convívio social respeitando os desafios e protocolos da nova realidade? Pensar e organizar ações conjuntas são formas de acolher promovendo o diálogo e a escuta de familiares, profissionais, bebês e crianças, vislumbrando o bem-estar de todos.

O diálogo e a escuta são os alicerces para as várias formas de acolher. Mesmo diante dos desafios e limites deste momento, estamos reaprendendo novos modos de estar com o outro: sorrisos, olhares, palavras, tons de voz fazem a diferença na maneira como nos relacionamos. O nosso corpo disponibiliza diversos modos de expressão, e essas ações promovem empatia, emoção e interação numa reciprocidade de acolhimento.



CMEI Centro Cívico

Um cotidiano trançado por diferentes histórias

Não é novidade que nosso cotidiano sempre foi marcado por diferentes histórias de vida que se encontram na instituição. Neste momento, vivenciamos sentimentos e emoções que trazem marcas de um período atípico que afetou familiares, crianças e profissionais, como histórias de famílias que tiveram perdas emocionais, com pessoas próximas que adoeceram, outras com perdas financeiras que impactaram na vida familiar. Essas histórias devem ser consideradas assim como a escuta e a leitura do simbolismo presente nas ações das crianças, que muitas vezes não externalizam pela via verbal. O olhar para cada criança é único, quando se percebe que cada uma terá seu tempo para ficar bem.

Acolher o que foi sentido, o todo vivido
para que ninguém fique esquecido,
o acolhimento não é medido,
está presente e, que nunca se ausente,
em qualquer idade, numa continuidade
transbordando sensibilidade ...

posso acolher há muitas maneiras
de se importar,
basta buscar que iremos encontrar
novas formas de pensar o bem-estar.
(Equipe de escrita)



CMEI Lala Schneider

Para contribuir com o estudo da SEP, sugerimos a leitura complementar do Ofício Circular n.º 03/2018 – EEI/SME, que traz importantes reflexões sobre a diferença da terminologia “adaptação” e “acolhimento”, e o conceito da própria palavra nos faz repensar sua inserção na unidade:

Na adaptação, entende-se que a criança assume a função de realizar um esforço para ficar bem em um espaço coletivo externo ao lar, povoados de pessoas, adultos e crianças, ainda desconhecido [...]. O termo acolhimento diz respeito à construção de vínculos entre todos os envolvidos no processo de inserção da criança, ou seja, a própria criança, a família e todos os profissionais.

O ofício referenda o quanto é primordial compartilhar com as famílias esse momento de inserção das crianças e familiares no cotidiano educacional, de modo a envolver os familiares considerando e dando valor à potência da participação da família no desenvolvimento das crianças. Para isso, é importante o diálogo, a parceria constante das famílias, tendo um olhar sensível e cuidadoso para cada criança que é única.

Acolhimento que desperta o sentimento de pertencimento

O acolhimento é um direito da criança e de todos, que desperta o sentimento de pertencimento. Quando nos sentimos pertencentes a um lugar, vivemos a liberdade para criar, pensar e se expressar. O acolher deve estar presente desde a entrada na unidade educacional, perpassa as relações, a organização dos espaços e do tempo.

A chegada em um lugar pode se traduzir em um convite afetivo, demonstrado pelas pessoas disponíveis que pertencem a ele. Isso se revela no trato com o outro, na receptividade, na configuração dos espaços e nas relações.



CMEI Tiradentes

O acolhimento é uma entrega que se dá no encontro e nas relações e exige tempo para que se possa viver a experiência de estar com as pessoas e nos lugares. Essas experiências serão decisivas na construção dos diversos modos de ser e estar no mundo. Por isso, a importância de que as relações que bebês e crianças vivenciam estejam pautadas na confiança e afetividade. Mesmo passando por um momento atípico, não podemos deixar de garantir aos bebês e às crianças o direito de viver a infância, pois esse tempo da vida é essencial e único para cada um.

Conforme diz Barbosa *apud* Staciolli (2013, p. 15), “Lutar pelo não desaparecimento da infância, isto é, pelo direito das crianças de viverem uma infância em que possam ser protegidas, sem serem aprisionadas, e que lhes seja garantido o direito de participar, de modo ativo, na construção de um coletivo.”

Não estamos pensando só nas crianças que chegam, mas, na unidade educacional, nas crianças que voltam em um momento atípico e todas precisam ser consideradas em sua inteireza, ter legitimado seus direitos como pessoa, sendo acolhidas, amadas, respeitadas, protegidas, primando pelo seu desenvolvimento. Para isso, propomos algumas reflexões que contribuirão para repensar as ações de acolhimento para 2021.

- ◆ As ações de acolhimento ocorridas no ano de 2020 mudaram nossas relações com as crianças e famílias. O que aprendemos com esse momento? O que foi significativo e o que poderá ser mantido?
- ◆ O que sabemos sobre a história e a cultura dos bebês, das crianças e das famílias que estão se inserindo na unidade? E as que estão retornando, como foram suas vidas frente ao isolamento social?
- ◆ Qual olhar teremos para os bebês, as crianças e as famílias no retorno à unidade? Qual será nossa postura frente ao choro, ao silêncio, a atitudes e às múltiplas formas de expressão dos bebês e das crianças?
- ◆ Como considerar todas as reflexões sobre o acolhimento diante do protocolo de segurança? Quais ações do protocolo de segurança podemos demarcar para a nossa unidade?
- ◆ Como podemos organizar os espaços pensando na segurança e no acolhimento das crianças e famílias, adequando as orientações do protocolo de segurança no cotidiano da unidade de forma individualizada e segura?

As marcas da escuta, alteridade e empatia no cotidiano da Educação Infantil

Durante o período de isolamento social, enfrentamos e ainda estamos enfrentando inúmeras adversidades, mas também constatamos o quanto a natureza humana é potente na sua capacidade de superar e se reinventar. Na Educação Infantil, houve a necessidade de se preservar as relações, valorizando ainda mais a aproximação e a articulação com as famílias.

Com isso, foi necessário rever, de uma forma ainda não vivida, o exercício das especificidades da função docente, sem perder a perspectiva de um docente que pesquisa, dialoga, apoia as aprendizagens das crianças e que agora precisa estar muito mais conectado com as tecnologias. Diante disso, vivemos de modo intenso o exercício da autonomia profissional, o fortalecimento da formação em contexto, o diálogo e a reflexão sobre as necessidades e

as singularidades de cada contexto educacional e realidades pessoais. Construimos novas formas de dialogar e de estarmos juntos, o que contribuiu com os percursos de desenvolvimento profissional, conforme destaca Cunha:

o diálogo entre as experiências e as reflexões gestadas na escola e as teorias que permitem a ampliação de leitura da realidade é condição dessa formação centrada na escola, sensível ao contexto, aos vários atores envolvidos nos processos educativos e que admite o professor pesquisador como protagonista de seu desenvolvimento pessoal e profissional. (CUNHA; PRADO, 2010, p. 109).

Em determinado momento, acontecerá o retorno dos bebês e das crianças às instituições de Educação Infantil, que será repleto de desafios, e ações devem ser retomadas e precisam estar pautadas nos direitos das crianças. É preciso que todos sejam acolhidos. Assim, somos convidados a exercitar a escuta ativa e sensível, a alteridade e a empatia, ações imprescindíveis na vida de todas as pessoas, principalmente no período da infância.

As crianças, mesmo longe das instituições educativas, brincaram, agiram, experimentaram, imaginaram, criaram e produziram cultura, como é próprio das infâncias, que são plurais e vividas de modo singular. Nesse período, foram oportunizadas vídeopropostas, organizadas pelo Departamento de Educação Infantil, e o envio de propostas complementares, elaboradas pelos professores dos CMEIs, CEIs Contratados e Escolas que ofertam turmas com Educação Infantil, para que as crianças realizassem as atividades em casa com as famílias. Isso possibilitou que continuassem a construção de conhecimentos, contribuindo com sua aprendizagem e desenvolvimento, mantendo o vínculo afetivo entre as crianças, as famílias e os profissionais.

Nessa caminhada, exercitamos amplamente a escuta e “entendemos que escutar é um verbo ativo que significa saber responder às necessidades dos meninos e meninas no cotidiano pedagógico” (FOCHI: 2019, p. 30). Assim, tivemos que nos reinventar, criamos contextos e possibilidades, em que foram considerados os interesses e as necessidades das crianças, conforme afirma Rinaldi:

a pedagogia do escutar representa ouvir pensamentos – ideias e teorias, questões e respostas de crianças e adultos; significa tratar o pensamento de forma séria e respeitosa; significa esforçar-se para extrair sentido daquilo que é dito, sem noções preconcebidas sobre o que é certo e apropriado. A pedagogia da escuta trata o saber como algo construído, em perspectiva e provisório, e não a transmissão de um corpo de conhecimentos que transforma o outro num igual. (RINALDI, 2018, p. 43).

Essa perspectiva traduz a escuta enquanto relação, a qual é imprescindível para que seja possível dialogar e partilhar saberes, opiniões, construções de sentidos. Todas as ações encaminhadas no cotidiano da Educação Infantil refletem o que os sujeitos trazem no seu discurso e na sua maneira de ser e existir.

Assim, para além da escuta, é fundamental também compreender os conceitos e as diferenças entre alteridade e empatia e a importância de exercitá-las no dia a dia com bebês, crianças, familiares e demais membros da comunidade educativa. A palavra alteridade origina-se do vocábulo latino *alteritas*, que significa ser o outro, portanto, designa o exercício de colocar-se no lugar do outro, de compreender o outro como um sujeito único e subjetivo, ou seja, reconhecer e aceitar as diferenças (PORFÍRIO, 2020). Atrelado a isso, somos sujeitos estritamente sociais, em que a presença do outro é fator determinante para definir a maneira de ser e agir.

Para Kramer (1999), o processo pelo qual as pessoas se tornam individuais e singulares se dá, exatamente, nesse reconhecimento do outro e de suas diferenças, numa experiência crítica de formação humana. Para que possamos reconhecer e acolher o outro na sua singularidade, o respeito e a empatia precisam fundamentar as nossas relações e ações.

O significado de empatia, de escuta e de alteridade estão relacionados, porém possuem sentidos distintos. “A empatia não é unicamente uma compreensão racional do lugar do outro – ela implica também uma conexão que se dá no nível emocional e pessoal” (CUPERINO. In: YIRULA, 2016, p. 34). Em uma perspectiva dialógica e participativa de educação,

[...] a empatia ocupa um lugar central, já que o diálogo igualitário que a sustenta exige o reconhecimento permanente do outro, a capacidade de se colocar no lugar do outro. Mas, assim como dialogar, cooperar, refletir criticamente, comunicar-se e participar são competências que precisam ser desenvolvidas, a empatia também o é. (COSTA. In: YIRULA, 2016, p. 41).

No cotidiano dos contextos educacionais, relações empáticas possibilitam o estabelecimento e fortalecimento de vínculos com as crianças e com a comunidade educativa. A relevância e a complexidade da empatia pode ser melhor entendida se comparada a um espelho,

(...) isso porque o espelho não escolhe o que vai refletir, não julga. Mesmo quando acordamos com cara feia, o espelho não grita “Saia daqui! Se arrume e fique bem bonito para que eu te reflita!”. O espelho nos acolhe, independentemente de como estamos. Assim devemos nos relacionar com todos, acolhê-los e perceber que aquela pessoa à nossa frente tem referenciais, uma história de vida, uma visão de mundo que é própria, e que suas ações e pensamentos fazem sentido nessa visão de mundo particular. Quando entendemos o outro a partir do referencial dele, isso significa que vemos o mundo do mesmo modo que ele vê, e por isso conseguimos falar de dentro do mundo dele e ser entendidos. Se usarmos nossa experiência de mundo e quisermos impô-la sobre a experiência de mundo do outro, não há linguagem, não há como acolhê-lo. Isso, na verdade, é rejeitá-lo, é não ouvi-lo [sic]. (LEÃO, 2016, p. 74).

Assim, a escuta, a alteridade e a empatia, pautadas sempre no diálogo, são essenciais na transformação de realidades sociais e na busca de uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável. Um exemplo de exercício de escuta, alteridade e empatia pode ser percebido no relato a seguir:



Nosso CMEI iniciou o ano de 2020 cheio de expectativas e sonhos em relação ao que as crianças trariam e ao que construiríamos com eles ao longo do ano, mas, abruptamente fomos freados pela COVID-19. Então, enquanto educadores, precisamos nos reinventar, reintegrar, ressignificar e seguir em frente, com foco e determinação para garantir os direitos das crianças e manter a qualidade do nosso trabalho.

Dentro de toda mobilização da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, nosso CMEI tomou como prática diária a escuta, a sensibilidade e a parceria com a família, mesmo que a distância, num vínculo crescente e bem mais forte. Nossas professoras tiveram um olhar e escuta atenta a essas famílias, suas necessidades e especificidades nesse novo contexto para garantir à criança todos os seus direitos.

Além das propostas complementares às videopropostas, lançamos mão de diferentes estratégias para o contato com crianças e famílias, como realização de videoconferências, criação de grupos de WhatsApp acompanhados pelos adultos, para repasse de informações e também para interação dos professores com as crianças, além do planejamento e organização de um ambiente acolhedor no dia da entrega dos kits pedagógicos.

Assim, pudemos perceber o crescimento da qualidade da escrita das propostas voltadas nesse momento aos familiares e responsáveis, que precisavam ser nosso “braço direito”, pois eram eles que iriam ler, interpretar e repassar à criança. Dessa forma, esta escrita também precisou ser reinventada e readaptada, para garantir que chegasse às crianças com a intencionalidade pretendida. Não era só o nosso planejamento, pois agora tínhamos um novo leitor.

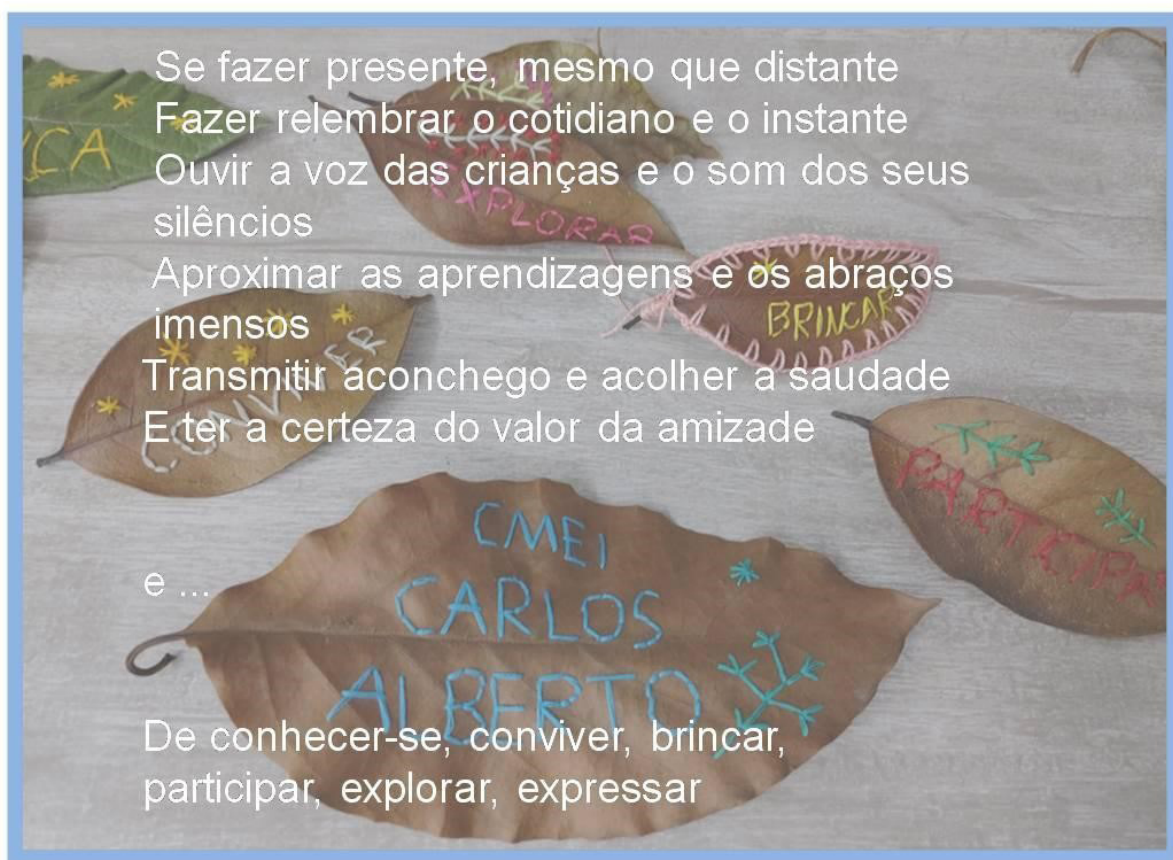
Isso nos tornou sensíveis enquanto equipe a essa família, que por sua vez respondeu de forma positiva, participativa e grata a todo esse movimento. Também rendeu propostas complementares de qualidade e que retornaram ao CMEI feitas com muito carinho e superação!

E 2020 nos trouxe a distância física, mas a parceria forte e o vínculo ainda mais significativo com as famílias.

Ana Carolina Werneck – Pedagoga CMEI Moradias Augusta, nov. 2020.

O relato da pedagoga revela de que maneira o contexto da pandemia impactou na vida de todos, e como a escuta, alteridade e empatia contribuíram na construção de um novo olhar para a organização do cotidiano e do planejamento, reafirmando a criança enquanto sujeito de direitos. Nesse contexto, as relações entre familiares, crianças e profissionais se fortaleceram e deixaram marcas nos envolvidos nesse processo. Além disso, houve avanços significativos no desenvolvimento profissional da equipe.

As aprendizagens de 2020 tendo continuidade em 2021...



CMEI Carlos Alberto – Elizabeth C. Carassai

Durante todo o ano de 2020, profissionais, familiares e crianças tiveram diversas experiências e construíram muitos saberes. Às crianças foram propostos contextos que lhes possibilitaram o contato e a expressão, por meio de diversas linguagens, a compreensão de si mesma e do que está à sua volta, o desenvolvimento de diversas formas de agir, sentir e pensar.

Os percursos revelados nos portfólios, relatórios, pareceres descritivos e outros registros elaborados evidenciaram os processos vividos por esses sujeitos e são o ponto de partida para a continuidade em 2021, pois, como afirma Fochi (2015, p. 88), “a análise e a reflexão daquilo que foi registrado permitem fazer emergir conhecimentos e hipóteses utilizadas para apostar em um novo trabalho”.

A escuta, a alteridade e a empatia se revelam em tudo o que é oportunizado às crianças, ou seja, perpassam as múltiplas linguagens, envolvem a organização do tempo, considerando a frequência e a constância das propostas, os ritmos, as especificidades e as singularidades dos bebês e das crianças. Revelam-se ainda na estética, na funcionalidade, na qualidade e na segurança dos materiais ofertados, bem como na organização de espaços acolhedores, que deixam marcas e convidam ao encantamento.

Para saber mais
clique nas imagem.



Para saber mais você poderá acessar esse material no link: http://primeirainfancia.org.br/WP-CONTENT/uploads/2016/11/T300000001836-0-mapa_infancia-000.pdf



Disponível no site: https://escolastransformadoras.com.br/wp/content/uploads/2017/03/importancia_empatia_educacao_escolas_transformadoras.pdf

O cuidado ético

Meus oito anos

[...] Oh! dias de minha infância!

Oh! meu céu de primavera!

Que doce a vida não era

Nessa risonha manhã!

Em vez das mágoas de agora,

Eu tinha nessas delícias

De minha mãe as carícias

E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,

Eu ia bem satisfeito,

Da camisa aberto o peito,

– Pés descalços, braços nus –

Correndo pelas campinas

À roda das cachoeiras,

Atrás das asas ligeiras

Das borboletas azuis! [...]

Casimiro de Abreu

A leitura desse trecho da poesia de Casimiro de Abreu nos faz caminhar pelas lembranças da nossa e de outras infâncias. Viajamos nas memórias e de andar descalço, subir em árvores, observar os “bichos” e no final do dia ser chamado para entrar porque já escure-

ceu. Cada tempo com suas histórias, recordações de momentos de alegria, choro, conquistas que nos levam a pessoas importantes que fizeram parte de nossos aprendizados e motivaram nossas escolhas. Sem dúvida, muitos pensamentos são de momentos de cuidado, em que o amor, a amizade e o companheirismo foram essenciais.



CMEI Moradias Belém

A constituição do sujeito acontece na presença do outro (Zornig, 2010, p. 7), e estar com o outro implica cuidado tanto de si quanto do outro. Aprender a cuidar do outro acontece quando aprendo a cuidar de mim, a considerar o outro e o ambiente de forma a conviver em harmonia com todas as coisas. Nossas relações, observações, escutas e cotidiano estão alinhavadas com o cuidado .

O termo cuidado tem várias nuances, e, nesse texto, apoiamo-nos em Boff (2005, p. 28), quando diz que o cuidado¹:

.... mostra-se em nossa experiência e concretiza-se em nossas práticas. Não se trata, em fenomenologia, de pensar e falar sobre o cuidado como um objeto independente de nós, mas de pensar e falar a partir do cuidado como ele se realiza e se desvela em nós mesmos. Nós não temos apenas cuidado. Nós somos cuidado. Isto significa que cuidado possui uma dimensão ontológica, quer dizer, entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado, deixamos de ser humanos.

¹ A palavra cuidado deriva da língua latina, em português significa cura. Cura é um dos sinônimos eruditos de cuidado, utilizado na tradução do famoso Ser e Tempo, de Martin Heidegger. Em seu sentido mais antigo, cura se escrevia em latim coera e se usava em um contexto de relações humanas de amor e de amizade. Cura queria expressar a atitude de cuidado, de desvelo, de preocupação e de inquietação pelo objeto ou pela pessoa amada. Outros derivam cuidado de cogitare-cogitatus e de sua corruptela coyedar, coidar, cuidar. O sentido de cogitare-cogitatus é o mesmo de cura: cogitar e pensar no outro, colocar a atenção nele, mostrar interesse por ele e revelar uma atitude de desvelo, até de preocupação pelo outro.

Boff (2005, p. 29) ainda nos diz que o cuidado é permanente companheiro do ser humano e que o ser no mundo se realiza pelo cuidado. À medida que me sinto pertencente, valorizado como pessoa, sou aceito, acolhido, respeitado, tenho minhas preferências reconhecidas, entendendo e valorizo o outro como pessoa.

Então, diante do exposto, podemos afirmar que o cuidado está relacionado com os nossos princípios, motivações, comportamentos e práticas educativas? Sim, e isso fica evidente quando estudamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que afirmam que o cuidar e educar são indissociáveis. Nesse sentido, as práticas educativas devem ser planejadas levando em conta o entorno e o cotidiano de cada contexto educacional para ampliar as possibilidades de ação dos bebês e das crianças no mundo e acolher as diversas possibilidades de viverem a infância. Logo, pensar nas ações dos bebês e das crianças no mundo, pressupõe refletir sobre o acolhimento, o relacionamento e as experiências com elas, pois segundo Leite e Carvalho (2015, p. 3),

o cuidado se relaciona com a dimensão ética na prática educativa, o ser humano precisa ser visto como pessoa, valorizado como pessoa e a atuação do professor precisa proporcionar aos que estão na condição de aprendentes as possibilidades de se construírem como seres humanos.

São grandes aprendizados que acontecem na experiência, no agir coletivo, nas ações do cotidiano, que são revelados por múltiplas linguagens e impactam na construção das singularidades e subjetividades, como destacam Leite e Carvalho (2015, p. 4):

é na relação social, na relação com os outros que a ética se desenvolve, não se forma o ser ético apenas pelo conhecimento. A ética fala ao espírito e a alma, só pode ser reconhecida quando praticada, então para se tornar bom, é preciso praticar atos bons.

Como pensar a ética nas instituições da Educação Infantil nesse momento tão específico? Afinal, são tantas incertezas, dúvidas... Ética se conecta necessariamente com a sensibilidade que é indispensável ao estarmos com as crianças. A ética perpassa pela escuta, alteridade, empatia, participação, negociação e pelo diálogo, para que as crianças possam ter espaço e tempo, voz e vez para a expressão de sentimentos e pensamentos.

Elvira Souza Lima (p. 9) nos alerta que “ser professor é participar da narrativa da vida de cada aluno” e para nós da Educação Infantil, da vida de cada bebê e criança, o que requer de nós alteridade, empatia, escuta, observação e sintonia para com as múltiplas linguagens, culturas e todas as formas de vida.

Dessa forma, as relações interpessoais ganham destaque, a confiança no potencial dos bebês e das crianças precisa ser exercida pelos profissionais, sem, contudo, deixar de oferecer a ajuda necessária, com contextos ricos de possibilidades para e com as crianças em harmonia com a natureza.



CEI Doutor Leocádio José Correa

Tendo em vista que nossas crianças vivem boa parte de suas infâncias dentro de nossas instituições de Educação Infantil, é essencial nosso olhar e entendimento que esse momento de vida delas seja preenchido com a essência do cuidado, e que esse acontece em nossas ações do cotidiano, o lugar em que vivemos o cuidado, aprendemos a cuidar e ser cuidado.

Diante disso, podemos olhar para os princípios éticos das DCNEI (2009) de forma a ter a relação de convivência, que busca a “valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades”, bem como olhar para os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, “conviver” e “conhecer-se”, expressos na BNCC (2017, p. 36), os quais nos movem à ética do cuidado.

Destacamos ainda que o Currículo da Educação Infantil: Diálogos com a BNCC (2020, p. 43) reforça os seguintes princípios como balizadores de nossas ações: dignidade humana, igualdade de direitos, reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades, laicidade do Estado, democracia na educação, transversalidade, vivência e globalização, equidade, sustentabilidade socioambiental e interculturalidade. A reflexão constante sobre as nossas ações, pautadas nesses princípios, é essencial.

Para toda a comunidade educativa envolvida na educação das crianças, é fundamental a reflexão sobre como acontece o relacionamento com o outro e com o meio em que está inserido e que professor e criança tenham, como prioridade, a oportunidade de refletir sobre suas interações, seus limites, suas possibilidades, seus conhecimentos e suas experiências.

Relações permeadas por sentimentos de respeito e de valorização do outro, tornando-os sujeitos que saibam criar e participar de práticas humanas, individual e coletivamente. Então se faz necessário a valorização do ser e estar junto. É preciso resgatar a essência e origem do cuidado, deixando de lado a antiga concepção assistencialista.

Humanizamo-nos nas relações, nas quais é imprescindível valorizar o educar, o cuidar e o acolher. Dessa forma, abre-se espaço para o “novo”, novas relações, aprendidas nas singularidades dos gestos cotidianos, sustentadas nas delicadezas e gentilezas, no afeto, no olho no olho, no respeito, na alegria, no maravilhamento, no entendimento de que somos integrados à natureza e todos os seres importam e precisam ser valorizados e cuidados.

Não cabem ações artificializadas, mecanizadas e aligeiradas desprovidas de sentido, comprometendo a qualidade das relações e dos processos de aprendizagem. Os bebês e as crianças estão sempre aprendendo e inúmeras vezes, muito mais a partir daquilo que não é dito, de nossas ações, do que da nossa fala. Somos referências para elas, assim como também temos muito a aprender com os bebês e as crianças nessa relação de reciprocidade. Cabe aqui a reflexão de que, apesar de toda a tecnologia, recursos e avanços da sociedade, ainda temos muito a aprender no que se refere a cuidar uns dos outros e da natureza.



EM Wenceslau Braz



Ao refletirmos sobre a ética do cuidado e como tenho vivido as minhas práticas de cuidado em relação às crianças, às famílias, aos profissionais, à natureza, ao local onde vivo e comigo mesmo, quais são as minhas impressões?

O que preciso mudar e transformar em mim? De que forma?

Trilhando juntos um percurso de reflexão e ação...

Dentro de nossa profissionalidade, temos o compromisso ético de garantir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Qual relação estabelecemos entre nossas ações cotidianas e a ética do cuidado?

Pensando na continuidade:

Registrem ações que possam apoiar as práticas com os bebês e crianças e também sustentar a construção do projeto de formação e o plano de ação de 2021, considerando: o acolhimento, o cotidiano, a escuta, a alteridade, a empatia e o cuidado ético.

Essas ações vêm acompanhadas do desafio de considerar o protocolo de segurança e as aprendizagens vividas em 2020.

Compartilhem a síntese dessas ações na sala Google até 26/02/2021.

“Atuante, criativa, vivível, documentável e comunicável, lugar de investigação, aprendizagem, de cognição e reflexão na qual as crianças, os professores e as famílias estejam bem, é o nosso objetivo”.

(MALAGUZZI. In: STROZZI, p. 60)

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. In: STACCIOLI, G. **Diário do acolhimento da escola da infância**. São Paulo: Autores Associados, 2013.

BOFF, L. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar., 2005.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2010.

BRASIL. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil**: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Projeto de Cooperação Técnica ME e UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil: Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB** n.º 20/2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação; Câmara da Educação Básica, 2009a.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). **Práticas cotidianas na educação infantil**: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** versão final. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020.

CERQUEIRA, T. C. S. **(Con)textos em escuta sensível**. Brasília: Thesaurus Editora de Brasília, 2011.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo da Educação Infantil**. Prefeitura Municipal de Curitiba. Secretaria Municipal da Educação. Superintendência de Gestão Educacional. Departamento de Educação Infantil. 2019.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Currículo da Educação Infantil**: Diálogos com a BNCC. Curitiba, 2020.

CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Ofício Circular n.º 03/2018**. Departamento de Educação Infantil, 2018.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Protocolo de Retorno das Atividades Presenciais**. Documento elaborado a partir do Decreto n. 998, de 4 de agosto de 2020, que instituiu o Comitê de Estudo e Planejamento para retorno às aulas presenciais na Rede Municipal de Ensino de Curitiba em decorrência da pandemia de COVID-19. Curitiba, 2020.

CUNHA, R. C. O. B.; PRADO, G. V. T. Formação centrada na escola, desenvolvimento pessoal e profissional de professores. **Revista de Educação PUC Campinas**. Campinas. N.º 28, p. 101-111, jan./jun., 2010.

FOCHI, P. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

GUIMARÃES, D. de O. **O cotidiano na Educação Infantil**: espaços e experiências. Salto Para o Futuro. Boletim 23, nov. 2006.

HOYELOS, Alfredo; RIERA, María Antonia. **Complexidade e Relações na Educação Infantil**. São Paulo: Phorte, 2019.

STROZZI, P. Um dia na escola, um cotidiano extraordinário. In: Zero, Project. **Tornando visível a aprendizagem**: crianças que aprendem individualmente e em grupo. São Paulo: Phorte, 2014.

OLIVEIRA, A. M. R. **Reflexões**: alteridade e cultura no cotidiano da Educação Infantil. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/3732445/mod_resource/content/1/BATISTA%2C%202008.pdf Acesso em: 17 nov. 2020.

OLMOS, A. Empatia: algumas reflexões. In. **A importância da empatia na educação**. Programa Escolas Transformadoras, Ashoka, 2016.

OSTETTO, L. E. **Registros na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2017.

RINALDI, C. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

SEVERINO, A.; TAVARES, K. **O voo dos que ensinam e aprendem**: uma escuta poética. Cachoeira Paulista: Passarinho, 2020.

STACCIOLI, G. **Diário do Acolhimento na Escola da Infância**. Campinas: Autores Associados, 2013.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. et al. (Orgs.) **Infância e educação infantil**. Campinas: Papyrus, 1999.

LEITE, S. R. M.; CARVALHO, A. B. de. **Dimensão ética**: educar, cuidar e acolher na relação professor e criança. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17093_7909.pdf Acesso em: 18 de nov. de 2020.

LIMA, E. S. **Currículo emergencial para a educação durante e após a pandemia**. Disponível em: <<https://www.dialogosviagenspedagogicas.com.br/ebook-curriculo-emergencial-para-a-educacao-durante-e-apos-a-pandemia>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

PORFÍRIO, F. **“Alteridade”**. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

PORFÍRIO, F. **Qual é a importância da empatia na educação?** (17.11.2016). Disponível em: <<https://lunetas.com.br/empatia-na-educacao/>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

YIRULA, C. P. (Org.). **A importância da empatia na educação**. São Paulo: Instituto Alana, 2016.

ZORNIG, S. Abu-Jamra: reflexões sobre uma ética do cuidado na primeira infância. **Primórdios-CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 15-26, 2010.

FICHA TÉCNICA

SUPERINTENDÊNCIA DE GESTÃO EDUCACIONAL

Andressa Woellner Duarte Pereira

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Kelen Patrícia Collarino

Gerência de Currículo

Ligiane Marcelino

Gerência de Gestão

Kelly Ester Lopes

Gerência de Organização do Trabalho Pedagógico

Danielle Bonamin Flores

Gerência de CEIs Contratados

Mariângela Brunetti

Elaboração

Ana Paula Schmitcka Fernandes

Ana Carolina Martins de Azevedo

Cinira Francisca Alves de Bastos

Dalva Rodrigues dos Santos

Danielle Bonamin Flores

Evelise Zirhut

Gesiane do Rocio Fontoura

Inês Chezanoski

Leda Maria dos Santos Samila

Renan Henrique Machado

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Estela Endlich

Gerência de Apoio Gráfico

Ana Paula Morva

Capa, projeto gráfico e diagramação

Ana Cláudia Andrade de Proença

Revisão

Anderson Evaristo

Rosana Wippel



Veredas Formativas

